



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Fábio Reis Clete Simor

A importância do pedagogo fora das salas de aula:

Projeto AlfaSol e a nova visão do Pedagogo

São Gonçalo

2011

Fábio Reis Clete Simor

A importância do pedagogo fora das salas de aula:

Projeto AlfaSol e a nova visão do Pedagogo

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora:

Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo

2011

Fábio Reis Clete Simor

A importância do pedagogo fora das salas de aula:

Projeto AlfaSol e a nova visão do Pedagogo.

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Helena Amaral da Fontoura
Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de Professores/UERJ.

Professora Doutora Gianine Maria de Souza Pierro
Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de Professores/UERJ

**São Gonçalo
2011**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha mãe, Luna Reis Clete, que foi a precursora deste tema escolhido como tese de monografia, onde pude aprender e analisar sobre o pedagogo em outro ambiente, um ambiente que poucos sabem o quão importante é a presença deste e que tem muito a contribuir no ambiente empresarial.

Continuando agradeço a uma amiga que sempre pude contar em minha jornada universitária, Roberta Amaral, uma amiga especial que sempre será lembrada com carinho por mim; seguindo quero agradecer uma outra amiga Giselle Santos, também formada pela UERJ, que me ajudou muito na preparação do Seminário de Monografia I.

Finalizando meus agradecimentos gostaria de agradecer minha orientadora Helena Fontoura, que teve muita paciência comigo e sempre me apoiou para que continuasse meu caminho e finalizasse o meu curso neste período, muito obrigado ao meu pai Elcione Simor, a todos os meus familiares e amigos que acreditaram em meu potencial e em minha determinação, muito obrigado.

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

Paulo Freire

RESUMO

A aprendizagem é o processo de aquisição de conhecimentos. Esse processo de aprendizagem ocorre em todos os lugares, embora saibamos que a escola é a instituição mais notória nesse exercício de formação, é fato que aprendemos com tudo e em todos os lugares. Neste contexto, o papel do pedagogo também não se restringe apenas ao âmbito escolar. O curso de Pedagogia tem se renovado, no momento em que todo o sistema educacional passa por uma profunda crise e transformação. Educação deve ser vista como um ato político e ético. Apesar de todos os esforços, o Estado em si ainda não atingiu a todas as camadas da população, mesmo com suas bolsas e ajudas. O governo ainda não atingiu a todos com os planos e projetos assistenciais e educacionais difundidos pelo país. Alguns setores da sociedade civil despertaram para a real necessidade da educação brasileira. Assim, grupos se articularam para pensar meios de interferir nessa realidade, surgindo organizações não governamentais e projetos sociais para formação e transformação, para a mudança, com esse foco. Nesse contexto, apresento o recorte desta pesquisa, o projeto ALFASOL, Alfabetização Solidária para jovens e adultos.

Palavras-chave: Pedagogo. Mudanças. AlfaSol. Pedagogia na Empresa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL ATÉ OS DIAS ATUAIS.....	12
1.1 O Pedagogo em Ação.....	16
1.2 A Educação é um Ato Político.....	20
2. A PESQUISA.....	25
2.1 Projeto ALFASOL.....	26
2.2 Observação e Entrevistas.....	29
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
4. BIBLIOGRAFIA.....	47

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é o processo de aquisição de conhecimentos, pode ser definida de forma sintética como o modo como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento.

É o processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por diversos fatores, como emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Para aprender é necessário analisar fatores, refletir e questionar.

Esse processo de aprendizagem ocorre em todos os lugares, embora saibamos que a escola é a instituição mais notória nesse exercício de formação, é fato que aprendemos com tudo e em todos os lugares, em todos os ambientes sociais.

No ambiente acadêmico da universidade, pude me aproximar mais dessa realidade questionadora. As diversas possibilidades que a nós se apresentam ao longo da nossa vida acadêmica me levaram a essa temática tão especial, pensar o papel do pedagogo fora dos muros da escola.

Neste contexto social em que vivemos, o papel do Pedagogo também não se restringiu apenas ao âmbito escolar, abrindo um novo leque de possibilidades de ação a este profissional.

O curso de Pedagogia tem se renovado, repensando propostas e currículos para se adequar à realidade de um mundo globalizado, interligado, que exige cada vez mais competências aos profissionais e aqueles que têm por objetivo realizar bem suas tarefas.

Essas novas possibilidades que me foram apresentadas ao longo da minha experiência universitária me lançaram um misto de curiosidade e expectativa sobre o que seria o real papel de um Pedagogo na sociedade, e em uma grande empresa, que é o recorte de minha pesquisa.

Questões que foram se entrelaçando a outros pontos, que hoje se configuram aqui.

Minha mãe certa vez me contou sobre um projeto muito interessante da empresa na qual trabalha. Nesse projeto premiado nacional e internacionalmente, pessoas de diversas comunidades brasileiras, marcadas pelas desigualdades sociais, que foram negados ou excluídos do sistema ensino formal, são convidados a ingressar ou voltar à sala de aula, tendo então a oportunidade de se alfabetizar e continuar seus estudos.

No momento em que todo o sistema educacional passa por uma profunda crise e transformação, onde estão sendo questionados seus componentes e o que se conhecia a respeito de educação, é necessária também uma reflexão sobre a formação dos profissionais que atuam nesse sistema, no sentido de uma tomada de consciência para se avaliar até que ponto esta formação está sendo coerente com tamanha variedade de públicos que a educação abrange e precisa ser ofertada.

Tendo disponível os contatos e a abertura que minha mãe possui, e o seu falar sempre empolgante, fiquei curioso, e enfim, aproveitando o momento próprio e tão delicado para o universitário, que é a realização de sua pesquisa monográfica, me propus em conhecer a fundo o Projeto AlfaSol.

A Alfabetização Solidária (ALFASOL) é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, baseado num sistema de parcerias com os diversos setores da sociedade; tem como missão reduzir as altas taxas de analfabetismo que ainda são existentes e persistentes em nosso País.

O Projeto foi criado no ano de 1996 no governo do então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, tinha à frente sua esposa, Ruth Cardoso, então primeira dama.

Através de dados obtidos pelo censo decenal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o ALFASOL atua nos dados de analfabetismo, com a missão de reduzi-los, ofertando a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos municípios com os maiores índices.

Além da oferta pública dessa modalidade de ensino, o ALFASOL também capacita alfabetizadores para trabalhar nesse campo de atuação.

Seus resultados positivos são reconhecidos e premiados, inclusive pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e seu modelo adaptado para alguns países de língua portuguesa e um de língua espanhola.

Acredito que a democratização do ensino e sua oferta e a oportunização a todos, através um ensino de boa qualidade, é também possibilitar a ascensão individual, tanto de elementos das classes trabalhadores bem como elementos de todo as classes sociais e sair do que Paulo Freire tanto nos fala sobre a exclusão e as barreiras que muitos ainda teimam em por aos oriundos de classes populares.

Educação deve ser vista como um ato político e ético. O ato de educar deve unir conhecimento, afetividade e possibilidade não só a transformação do conhecimento como também de consciências, criticidade, aliás, esse é o maior desafio. Educar é acima de tudo um ato de transformação, criação e invenção.

Compreendendo que apesar de todos os esforços, o Estado em si ainda não atingiu a todas as camadas da população com suas bolsas e ajudas, projetos como esses são significativos a esse tipo de proposta que se compromete em desempenhar.

Partindo desse princípio, houve o levantamento de dados de que e quais ações educacionais desenvolvidas objetivam o desenvolvimento de competências e habilidades aos seus profissionais e a aqueles atingidos pela demanda.

A importância de desenvolver este estudo é investigar a forma como o pedagogo entra nesse contexto, no campo empresarial, a importância de uma prática educativa na empresa, que fuja da dita “educação bancária” (FREIRE, 1985) e que conceba a educação como um hábito prazeroso e necessário, de estímulo e formação de cidadãos conscientes, e assim contribuir para a reflexão do protagonismo dessas pessoas, suas perspectivas, resgatando e

consolidando a expressão tão natural do ser humano que é a vontade, a curiosidade, o desejo de saber.

O esforço investigativo se dá em compreender uma das atuações atuais do pedagogo, numa empresa renomada, sem a falsa ilusão de apreender a verdade absoluta sobre a problemática em questão, mas sim inquirir uma interpretação provisória que deve ser entendida dentro do seu contexto e limites, podendo e devendo ser repensada, reavaliada e/ou contestada.

1. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL ATÉ OS DIAS ATUAIS.

Oriundo de um passado conturbado, para alguns historiadores a Educação de Jovens e Adultos começou ainda no Brasil Colônia com a catequização indígena por conta dos padres jesuítas que aqui se instalaram.

Passando por toda a história, sempre à margem da educação ou simplesmente esquecida pelos governos subseqüentes.

Até que no início da década de 60 uma nova conjuntura educacional surgiu com diversas propostas ideológicas que serviriam de pano de fundo para uma nova forma de pensar a EJA. Idéia essa que visava que uma educação destinada a este sujeito deveria ir além do aspecto do processo de ensino/aprendizagem.

Porém, com a tomada dos militares ao poder, no período militar que vivemos em nosso País, programas e campanhas em prol da EJA foram interrompidos, como foi o caso do Programa Nacional de Alfabetização.

Como nos falam Hadadd e Di Pierro (2000), o Estado não poderia abandonar a educação, vez que tinha um dos canais mais importantes de mediação com a sociedade:

“Perante as comunidades nacional e internacional, seria difícil conciliar a manutenção dos baixos níveis de escolaridade da população com a proposta de um grande país, como os militares propunham-se construir. Havia ainda a necessidade de dar respostas a um direito de cidadania cada vez mais identificado como legítimo, mediante estratégias que atendessem também aos interesses hegemônicos do modelo socioeconômico implementado pelo regime militar.” (HADADD e Di PIERRO, 2000, p. 7)

O MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização viria como uma resposta do Estado para essa situação. Em 1969, o MOBREAL se desconfigurou, se distanciou da proposta inicial, mais voltada aos aspectos pedagógicos, pressionado pelo endurecimento do regime militar.

Em 1971 surgiu o Ensino Supletivo, que recuperaria o atraso dos que não puderam realizar sua escolarização na época adequada, complementando com êxito o MOBRAL. Esse projeto não contemplava os anseios dos movimentos de cultura popular, pois o objetivo era formar mão-de-obra que contribuísse no esforço de desenvolvimento nacional, priorizando soluções técnicas, deslocando o foco do real do enfrentamento do problema político da exclusão.

A partir dos anos 80, com a abertura política, as experiências paralelas de alfabetização, desenvolvidas dentro de um formato mais crítico, ganharam corpo. Surgiram os projetos de pós alfabetização, que visavam o avanço na linguagem escrita e nas operações matemáticas básicas. Nesse período, a ação da sociedade civil organizada direcionou as demandas educacionais que foram capazes de legitimar publicamente às instituições políticas da democracia representativa.

Esse processo resultou na promulgação da Constituição Federal de 1988 e seus desdobramentos nas constituições dos estados e nas leis orgânicas dos municípios, instrumentos jurídicos nos quais se deu o reconhecimento social dos direitos das pessoas jovens e adultas à educação fundamental, com a conseqüente responsabilização do Estado por sua oferta pública, gratuita e universal.

Os anos 90 foram palco de inúmeras mudanças importantes em âmbito nacional, na relação Estado e Sociedade, e é claro, na educação brasileira.

Estado e sociedade se unem para pensar em soluções para problemas sociais, assumindo responsabilidades e estabelecendo diálogos para compreender e agir nesse mundo novo que se abria para a democracia brasileira.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, garante a obrigatoriedade e gratuidade do Ensino Fundamental a todos, como um direito subjetivo, portanto que não pode ser impedido, inclusive para jovens e adultos que não tiveram acesso ou continuidade na idade própria.

Além do direito, a LDB ainda assegura igualdades de condições de acesso e permanência, além de um ensino de qualidade a todos atingidos pela mesma.

Essa nova LDB previa que o executivo elaborasse e submetesse planos plurianuais para a educação, ou seja, a União encaminha ao congresso um plano nacional de educação decenal, concomitante a proposta da declaração mundial de educação.

Parecer CEB nº: 11/2000 de 10 de maio de 2000 se ocupa das diretrizes da EJA cuja especificidade se compõe leis e pareceres anteriores.

O MEC dá início a uma consulta nacional que resulta no PNE (Plano Nacional de Educação) apresentado à Câmara dos Deputados objetivando a integração de ações do poder público que conduzam à erradicação do analfabetismo. (Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001)

O MEC realiza, desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos brasileiros com dificuldade de escrita e leitura ou que nunca frequentaram a escola. Este Programa recebeu alterações para melhorar seu resultado como, por exemplo, no início os alfabetizadores eram voluntários, o que se passou a ser realizado por professores formados. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a 1.928 municípios que apresentam taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%.

É preciso reconhecer o jovem e o adulto como portadores de história de vida, de “saber da experiência do feito”, como nos diz Paulo Freire, além da cultura de promover a alfabetização segundo a comunidade que os cercam, de seus modos de viver. A educação emancipatória da qual nos fala o grande pensador brasileiro.

Conhecer as especificidades do que é ser jovem e adulto, a realidade do educando, a partir dessas particularidades torná-las pontos de referência para construção de seus planos de ação é tarefa de todos os processos educativos, reconhecê-los como sujeitos concretos, com diferentes histórias de vida, de trabalho, de experiências, ou não, escolar anterior.

O que acontece é que existem grandes disparidades entre ricos e pobres. De acordo com estudos realizados, a população pobre encontra-se em desvantagem principalmente ao se tratar de jovens e adultos.

Segundo dados do censo de 2000, os índices de analfabetismo no Brasil ficaram em cerca de 13,6% no período, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Ainda não houve a divulgação dos dados do último censo.

1.1 O Pedagogo em Ação

“Mais que interpretar o mundo é preciso transformá-lo”.
(Antonio Gramsci)

Paulo Freire nos diz em sua obra que não via a educação apenas como escolar, via também os movimentos sociais, a educação popular, do e para o povo.

O acesso ao conhecimento e saberes é produzido pela sociedade, e deve ser levada em consideração a experiência de vida de cada educando, inclusive utilizando essa sabedoria como recurso no dia a dia escolar.

Mas falaremos sobre o pedagogo.

De acordo com Libâneo e Pimenta (1999), na década de 80, por iniciativa de movimentos de educadores e, paralelamente, no âmbito do Ministério da Educação, começava um debate sobre a formação de pedagogos e professores.

Apesar do resultado prático ter sido modesto como visto até hoje, essa trajetória teve êxito ao mobilizar educadores e promover discussões sobre qual formação esse profissional vinha recebendo.

Ao contrário do papel do professor, que para muitos é o grande agente do processo educacional, o pedagogo é pouco explicado em sua essência.

A palavra Pedagogia tem origem na antiga Grécia, *paidós* (criança) e *agodé* (condução). A palavra grega *paidagogos* é formada pela palavra *paidós* (criança) e *agogos* (condutor). Portanto, pedagogo significa condutor de crianças, aquele que ajuda a conduzir o ensino.

O curso de Pedagogia se destina, ainda nas palavras de Libâneo e Pimenta, para realização da investigação em estudos pedagógicos, em campo

teórico na formação de profissionais que aprimoram a reflexão e a pesquisa sobre a educação e o ensino da Pedagogia e em campo de atuação profissional, destinando-se à preparação de pesquisadores, planejadores (coordenadores, gestores) entre outros.

Mas, o que é ser pedagogo nos dias atuais?

Ser pedagogo é estar comprometido com uma práxis transformadora da realidade em geral, é um intelectual consciente de sua responsabilidade social, que assume de forma crítica e construtiva a prática educativa. Sua nova concepção discutida e empregada hoje em dia é situada no agir comunicativo, na intersubjetividade não deixando espaços para a idéia antes difundida de autoritarismo, centralização e fragmentação tão ultrapassada. Atualmente é notória que o profissional não se restringe apenas à escola.

Há necessidade, como dizem Carino e Souza (1999, pág. 23) de que “esse profissional deverá portar-se como pesquisador em sua própria prática”, se renovando assim constantemente.

A elevação da formação docente em nível superior era uma reivindicação antiga dos educadores de nosso país, na vanguarda dos países desenvolvidos. Portanto, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o perfil do pedagogo foi repensado, levado a centros de discussões entre as Universidades para haver uma adequação curricular para habilitar os que escolheram esse curso. Em seu art. 62 estabelece a regra para a formação de docentes que atuam na educação básica.

Esta formação poderá se feita, como diz a nova LDB, em cursos de graduação em Pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, desde que seja garantida a base nacional comum, que garante a incorporação das atuais exigências do mundo do trabalho e relações sociais.

Mas, apesar de todas essas habilidades no âmbito escolar, o pedagogo também encontrou espaço nas grandes empresas.

O pedagogo, a partir de um diagnóstico, tem a visão de identificar as necessidades e falhas no processo, indicar metodologias adequadas à situação de cada local e apontar que ações devem ser realizadas. Mas essas funções não são suficientes em um mundo globalizado e ágil como o que vivemos.

Nas empresas, a competitividade do mercado exige desenvolver sempre novas competências aos funcionários, assim, justifica-se como crucial a presença do pedagogo, colaborando não só nos processos de capacitação, mas na avaliação permanente dessas novas necessidades, enfim, um profissional com a visão educacional e humanística dentro de uma empresa.

Débora Cagliari em seu artigo “O Pedagogo Empresarial e a Atuação na Empresa”¹ argumenta sobre a figura do pedagogo empresarial, profissional capacitado e qualificado que inserido na área dos recursos Humanos tem uma grande participação.

“Vejam, tanto a Empresa como a Pedagogia agem em direção a realização de ideais e objetivos definidos, no trabalho de provocar mudanças no comportamento das pessoas. Esse processo de mudança provocada, no comportamento das pessoas em direção a um objetivo, chama-se aprendizagem. E aprendizagem é a especialidade da Pedagogia e do Pedagogo.” (HOLTZ, 2006, p. 18)

Chiavenato (1999) faz um alerta sobre esses novos tempos, em que as organizações em empresas ampliam sua visão e atuação estratégica ressaltando a realização conjunta do processo produtivo, em que, com a participação de diversos parceiros contribuindo esse objetivo comum é alcançado.

Cada um desses parceiros contribui com algo. O autor ainda analisa a questão exatamente onde o pedagogo vem encontrado espaço nas empresas,

¹ Artigo “O Pedagogo Empresarial e a Atuação na Empresa” de 12/01/2009 para o site www.pedagogia.com.br

no desviar o conceito de pessoas apenas como recursos organizacionais, em que precisam ser administrados, controlados, planejados, para um conceito de parceiros da organização:

“Como tais, elas são fornecedoras de conhecimentos, habilidades, capacidades e, sobretudo, o mais importante aporte para as organizações- a inteligência, que proporciona decisões racionais e imprime o significado e rumo aos objetivos globais. Desse modo, as pessoas constituem o capital intelectual da organização. As organizações bem-sucedidas se deram conta disso (...)”
(CHIAVENATO, 1999, p 7)

O papel do Pedagogo dentro das empresas é ser o diferencial e agregador.

Diferencial por tratar de levar ao encontro dos que ali trabalham novas idéias e metodologias para que haja motivação em seus rendimentos individuais e em grupo, em suas produções em contribuições para o sucesso da empresa.

Agregador por ter a oportunidade de ofertar uma qualidade ao ambiente de tensas disputas e cobranças, motivando seus parceiros e transformando o espaço em um ambiente de troca de experiências, socialização e efetiva aprendizagem.

1.2A Educação é um ato político.

"A democracia de amanhã se prepara na democracia da escola" (Célestin Freinet)

A educação é um ato político e deve estar ao alcance de todos; além disso, a educação constitui sem sombra de dúvida, a mais importante vertente do desenvolvimento social, cultural e econômico de um País, assumindo assim uma grande importância em nível pessoal, social. Mas, para que o desenvolvimento seja impulsionado, o ambiente precisa ser propício para o surgimento, produção e divulgação do conhecimento.

Com a globalização, como explica Ferreira (2006), os modelos econômicos e de reestruturação produtiva que compõem o grande modelo de desenvolvimento econômico mudaram radicalmente a forma de compreender o mundo, produzir existência, de fazer a educação.

Globalização resultada do processo histórico cujos fatores dinâmicos são a concentração de capital, o desenvolvimento dos meios de comunicação e o despertar da consciência sobre o comum caminhar da humanidade.

Manifesta-se na difusão de padrões de outras nacionalidades de organização econômica e social, de consumo, de formas de lazer e de expressão cultural-artística, enfim, estilo de vida.

A irreversibilidade da globalização é aparente e incontestável, com seus efeitos e impactos positivos e negativos sobre comunidades e nações ressalta a tarefa de como conduzir e orientar esse processo sem confundir as consequências da acumulação centralizadora de capital como o desemprego, detrimento de culturas e valores tradicionais com as oportunidades efetivas de integração, aproximação e cooperação mundiais, proporcionadas pela mesma.

Essas transformações levaram a um novo modelo, a um novo paradigma de organização da economia e da sociedade: uma economia do saber. A sociedade que se apresenta então é a sociedade do conhecimento, na qual o recurso controlador não é mais o capital, a terra ou a mão-de-obra, mas, sim, a capacidade e experiência dos indivíduos.

Como afirma Freire (1996, p. 99), “do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades.”

Segundo a Carta Magna da Educação Nacional, outra visão se impõe sobre o mundo e sociedade que se pretende almejar, mais justa e mais humana e seriamente articulada a políticas e predicados da educação e do ensino de qualidade e comprometido realmente com sua função estabelecida.

Todo processo de ensino aprendizagem precisa ter como um ponto de partida, etapas.

Nessa perspectiva, a aprendizagem obtida pode ser definida como conhecimento socialmente compartilhado e transmitido daquilo que existe ou deveria existir.

O que afirmo é que a legislação educacional brasileira ainda caminha a passos descobridores, de conhecimento de territórios e reconhecimento da ação.

É preciso primeiro desassociar a idéia tão difundida que a escola é a salvadora de todos os males sociais, é preciso entendê-la como política, como lugar onde essa transformação desejada é pensada.

Percebe-se uma especial atenção nos últimos anos voltada a elevar níveis de escolarização e qualificação da população, fomentando projetos assistencialistas como bolsas e financiamentos para ajudar famílias que antes não teriam condições de ter os seus em sala de aula.

Mas por outro lado se vê escolas em dificuldades de infra-estrutura e profissional, mesmo com grandes repasses de verba comprovados.

Existe a política, mas não existe uma atenção realmente voltada a ela. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional garante a obrigatoriedade e gratuidade do Ensino Fundamental, inclusive para jovens e adultos e o asseguramento para que exista igualdade de condições de acesso e permanência na mesma.

A mesma LDB estabelece a obrigatoriedade também de mecanismos de fiscalização da ação do Estado e mecanismos punitivos caso não se cumpra o que é determinado por ela.

É preciso que se faça realmente valer as leis, suas normas e mecanismos de fiscalizações para que se consiga atingir e permanecer na meta prevista de uma educação visando o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Paulo Freire, como já dito anteriormente, não via a educação apenas como escolar, via a educação também nos movimentos populares, na educação popular, nas ruas, nos campos, nas indústrias.

O acesso aos conhecimentos e saberes universalmente produzidos pela sociedade deve estar ao alcance de todos.

Leonardo Gedeon (2006) reafirma o pensar de Freire ao dizer que a educação é um ato político, ideológico e emancipatório (ou doutrinadora), que cria vínculos e compromissos com o futuro, de maneira a contribuir como seres humanos, que vivem e realizam suas atividades em sociedade.

Historicamente, visto a dificuldade em se institucionalizar a educação de jovens e adultos no Brasil, houve um despertar que provocou na sociedade diversas formas de promover essa modalidade.

Ensinar hoje não compreende apenas habilidades, conteúdos e conceitos, mas a socialização, a vida em sociedade, como dito anteriormente, uma das novas definições das competências do novo pedagogo e também da nova maneira de ver a educação.

Assim recordando, desde o breve histórico do que foi e está sendo a educação de jovens e adultos no Brasil, a visão e função do pedagogo nos dias atuais de humanizar e fazer do ambiente em que está inserido mais humano, acolhedor, de trocas de experiências e aprendizados, tirando o ranço competitivo e estressante de cobrança imposta por uma sociedade altamente globalizada, digo, a sociedade do saber a necessidade da educação como real ato político.

Por político entende-se como direito e dever de todos, se é política é pública, por isso não a nomeio como tal.

“Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político.” (Freire, 2003, p 23)

Político também porque o ato de educar não é neutro. Ou o educador trabalha no sentido de desenvolver o senso crítico questionando, criticando, buscando mudanças para o que está posto socialmente ou ele passa para os seus a idéia de que está tudo bem, tudo certo e trabalha numa perspectiva de alienação, mantendo a sociedade do jeito que ela está, sufocando o sentido da educação.

O governo ainda não atingiu a todos com os planos e projetos assistenciais e educacionais difundidos pelo país. Alguns setores da sociedade civil despertaram para a real necessidade da educação brasileira, resultando assim grupos que se articularam para pensar meios de interferir nessa realidade, surgindo organizações não governamentais e projetos sociais para formação e transformação, para a mudança, com esse foco.

Segundo Emília Ferrero (1991), a transformação das práticas obriga a redefinir o papel do professor e as dinâmicas das relações dentro e fora da sala

de aula, em todos ambientes em que existam essa relação e correlação de aprendizagem, ou seja, a todo o momento.

Nesse contexto, apresento o recorte desta pesquisa, o projeto ALFASOL, Alfabetização Solidária para jovens e adultos.

2 A PESQUISA

"A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo." (Nelson Mandela)

Célestin Freinet² foi um educador francês que dedicou sua vida a elaborar técnicas de ensino que funcionam como canais da livre expressão e da atividade cooperativa, com o objetivo de criar uma nova educação, de sair da inerência que a vida às vezes se instala e movimentar, estimular. É sua a pedagogia do bom senso, pela qual a aprendizagem resulta de uma relação dialética entre ação e pensamento, ou teoria e prática.

Começar esse capítulo citando um educador das proporções de Freinet se dá valor no contexto que vou abordar que são mudanças.

A pesquisa desde seu nascimento foi pensada em demonstrar a importância da mudança. Primeiro do pedagogo, no novo pensar de suas habilidades, de sua vertente de agir, ou seja, que esse profissional mudou e pode também atuar no mundo corporativo, diferente do ambiente escolar no qual todos estão acostumados a vê-lo desempenhando seu papel.

Outra mudança que surpreendeu foi a vida das pessoas que são assistidas pelo projeto que foi acompanhado. Não se pode negar a solidariedade dessa ação transformadora que é educar e ser educado, de aprendizado mútuo e contínuo tão difundido nos meios acadêmicos.

² Informações extraídas do site <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/celestin-freinet>

2.1 Projeto ALFASOL

A Vale do Rio Doce é uma empresa do ramo de minério criada pelo governo brasileiro em 1942.

Durante 1997, período de governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, foi privatizada junto com outras empresas brasileiras.

A partir desse momento, tornou-se uma empresa privada que ampliou e diversificou seu portfólio de produtos, apoiando inclusive ações sociais e projetos nas áreas de cultura, meio ambiente e técnico nos estados do Brasil.

O Projeto AlfaSol surgiu nessa leva de projetos. A Alfabetização Solidária (AlfaSol) é uma organização da sociedade civil com parceria com a Vale, sem fins lucrativos e de utilidade pública, que adota um modelo simples de alfabetização inicial, inovador e de baixo custo, baseado no sistema de parcerias com os diversos setores da sociedade.

É atuante desde janeiro de 1997 nos municípios brasileiros com maiores índices de analfabetismo, seguindo os índices obtidos pelas pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). No primeiro módulo, atendeu apenas 9,2 mil alunos em 38 municípios das regiões Norte e Nordeste, capacitando 442 alfabetizadores e contando com 11 empresas parceiras e 38 universidades envolvidas.

Em seu início tinha a frente a ex-primeira dama Ruth Cardoso (1930-2008), antropóloga que pesquisou temas voltados para questões sociais. Idealizadora da Comunidade Solidária teve indiscutível importância na proposição de ações de transformação social.³

³ <http://www.centroruthcardoso.org.br/home>

O AlfaSol neste ano de 2011 completa 15 anos com a mesma visão desde sua concepção, reduzir os altos índices de analfabetismo que ainda vigoram no Brasil e no mundo.

O projeto sempre se propôs a abraçar a educação de jovens e adultos, instrumentalizando e capacitando profissionais dispostos à causa, a incluir essas pessoas socialmente por meio da educação, da alfabetização, ou mais uma vez trazendo Freire, da educação emancipatória desse sujeito.

É sabido que a maior combinação destes maiores índices é encontrada, principalmente, nas áreas rurais do Norte e Nordeste do Brasil, consideradas as regiões de grande dificuldade de acesso ao ensino que se tornou principal e primordial foco de atuação do projeto, depois expandindo essa visão a todo território, inclusive a regiões metropolitanas dos estados, com um braço do que se nomeou Projeto Grandes Centros Urbanos (PGCU), lançado em julho de 1999.

Esse campo de atuação começou em São Paulo e Rio de Janeiro, mas foi ampliado para os bolsões de analfabetismo de Brasília, Fortaleza, Belo Horizonte, Goiânia, João Pessoa, Salvador, Curitiba, Natal, São Luis, Teresina, Mogi das Cruzes, Guarulhos, Piracicaba, Limeira, São José dos Campos, Poá, Ferraz de Vasconcelos, Suzano, Guaratinguetá e Taubaté.

Segundo dados do endereço eletrônico do AlfaSol, até julho de 2009 o projeto registrou o atendimento de 5,5 milhões de alunos em 2.433 municípios brasileiros, além da capacitação de 254 mil alfabetizadores.

Outro levantamento feito pelo AlfaSol a partir de dados do IBGE, no período entre 1999 e 2005, a taxa de municípios com oferta de Educação de Jovens e Adultos que correspondia a 36% do total atendido em 1999 pela AlfaSol subiu para 88% em 2005. Dentre os municípios não-parceiros, o percentual com oferta de EJA era de 26% em 1999 e de 52% em 2005.

O mesmo estudo aponta que, em 2005, houve decréscimo de 13,8% nas matrículas de EJA nos municípios não atendidos pela AlfaSol, em relação ao

ano anterior. Enquanto que, em período igual, nos locais onde a AlfaSol está presente, a taxa de matrículas de EJA teve um acréscimo de 32,5%.

É um projeto conhecido e premiado nacional e internacionalmente, de reconhecida idoneidade e seu valor na comunidade que está inserida, e sua importância para todos aqueles que fazem parte dele. Tanto para profissionais que atuam quanto para os jovens e adultos que têm ali a chance, ou segunda chance, de reaver seus estudos, nunca antes feitos, ou interrompidos por seu cotidiano, pelo destino que a vida traçou. Em 2005 a AlfaSol foi a primeira organização não-governamental brasileira a estabelecer relações formais com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (Unesco) .

O local escolhido para a observação do Projeto Alfabetização Solidária foi o pólo localizado em Minas Gerais, no município de Brumadinho, no Vale do Paraopeba, Região Metropolitana de Belo Horizonte, capital mineira. Lá pude observar e perceber a importância real para as pessoas que ali estão e entender o porquê minha mãe sempre dizia com alegria e satisfação sobre o projeto.

2.2 Observação e Entrevistas.

“A educação desenvolve as faculdades, mas não as cria.” (Voltaire)

Como já dito, a dificuldade de se institucionalizar a educação de jovens e adultos provocou na sociedade uma diversidade, várias formas de promover essa modalidade.

Não existe uma idade única para se aprender. Seja qual forem os anos de vida de uma pessoa ela tem plenas condições de aprender, estamos sempre aprendendo e ensinando, basta a força de vontade para tal.

Todos devem ser sujeitos de sua história, não deixando espaço assim para oprimidos ou educações bancárias.

Juntando o anseio de uma área da sociedade em transformar realidades e a vontade de um povo de aprender temos organizações de sucesso como o AlfaSol.

Como dito anteriormente, o Alfabetização Solidária se propõem a trabalhar com a modalidade Educação de Jovens e Adultos, atendendo a uma população que além de não ter tido acesso à escolaridade em época própria, mora em comunidades carentes.

As entrevistas foram realizadas em Brumadinho, Minas Gerais. São três salas na zona rural do município, Casa Branca, Palhano e Suzana, uma na comunidade de Brumado e outra no centro da cidade.

Foram elaboradas questões para serem perguntadas aquelas pessoas que dão vida ao projeto, que estão no dia a dia envolvidos na operação e manutenção do mesmo: coordenação, pedagogo, professor e aluno.

As questões pouco divergiam, quis fazendo isso buscar o olhar de cada um sobre o trabalho do pedagogo na perspectiva do projeto em questão.

Em todos os casos, os nomes foram trocados a pedido dos entrevistados, para assim garantir anonimato.

As questões concomitantes entre Coordenadora, Pedagoga e Professora foram as seguintes:

- 1) Idade;
- 2) Formação;
- 3) Quanto tempo e experiência na EJA;
- 4) Como passou a fazer parte do projeto;

A entrevista com a Coordenadora se deu logo na chegada à instituição, ela foi meu primeiro contato.

Pedagoga com 27 anos de idade, Aline tinha seis meses de experiência na educação de jovens e adultos (EJA), mesmo espaço de tempo que tem no projeto. Ela foi escolhida para fazer parte do projeto pela Secretaria de Educação, com a saída da antiga coordenadora. Coordena uma equipe de como mesmo disse “de uma pessoa (eu)” com o auxílio da vice secretária de educação.

A coordenadora apresentou então aspectos mais próprios daquela região contemplada pelo projeto.

São cerca de 60 alunos beneficiados com o projeto, sem contar os que já avançaram para o 2º segmento. Indiretamente, acredito que a cidade inteira se beneficia, pois com a melhora da educação há uma evolução social”, ressalta.

Os alunos são cidadãos de 15 a 75 anos que freqüentam por vontade própria, não recebem qualquer tipo de bolsa e/ou auxílio para estudarem.

Quando perguntada sobre em que o projeto poderia modificar a vida daquelas pessoas, ela, após um sorriso, disse:

“Percebo que as pessoas estão com mais sonhos em suas vidas, elas percebem que aprendem um pouquinho a cada dia. Ao iniciar seus estudos tudo que eles querem é aprender a ler e escrever, hoje a maioria já pensa em finalizar o Ensino Médio e quem sabe chegar a uma faculdade, a melhorar seus empregos e notam que são exemplos para seus familiares e outras pessoas que não tem a coragem que eles tiveram em voltar a estudar, além de estarem mais autônomos.”

Para a coordenadora, o projeto é essencial na comunidade em que está inserida. Antes de iniciar o projeto, o município não tinha EJA de 1º segmento, existiam apenas projetos de alfabetização, o que dificultava os alunos de ingressar no 2º segmento, visto que para continuar sua escolaridade, eles precisavam realizar uma espécie de avaliação de classificação, pouquíssimos conseguiam passar, a maioria ficava muito tempo no projeto de alfabetização. A partir da implantação efetiva do AlfaSol, todos têm a oportunidade de estudar, pelo fato das salas estarem nas localidades, isso facilita o acesso.

“No início eram poucos alunos, mas agora a população esta começando a entender a importância de estudar independente da idade. A maioria dos alunos estudam esperançosos em ter um emprego melhor, em conseguir assinar o nome, tirar a carteira de habilitação, entre outros.”

A segunda entrevista foi feita com a Janete, pedagoga do núcleo. Formada em Letras e finalizando o curso de Pedagogia, com 27 anos seus primeiros contatos com a educação e jovens e adultos se deram ainda na Universidade, comprovando a importância desse tipo de contato ainda na formação, na base de todo profissional.

Iniciou o trabalho com a Educação de Jovens e Adultos primeiramente como alfabetizadora no projeto em parceria com a AlfaSol dentro da reitoria de extensão universitária na Universidade onde cursou letras. Após o término da universidade trabalhou com formação de alfabetizadores/professores, portanto toda a experiência que possui em educação é na EJA, sendo então cerca de seis anos de atuação na área, tem três anos no AlfaSol.

A academia foi tão importante na vida profissional da Pedagoga que inclusive a participação dela no projeto se deu por conta disso:

“Em um curso onde fui representar a Universidade onde trabalhava, a antiga gerente de formação pediu o meu currículo, pois a instituição estava precisando de pessoas com o meu perfil.”

Também pedagoga, a professora Lívia de 25 anos possui em seu currículo seis anos de experiência com a alfabetização regular e três anos com exclusivamente a alfabetização de jovens e adultos.

A professora participa do projeto desde sua implantação em Brumadinho, há um ano. Passou a fazer parte do mesmo, pois trabalhava com Educação de Jovens e Adultos no Telecurso:

“ A Secretária de Educação perguntou se eu não queira fazer parte deste projeto, por que precisava ter experiência em alfabetização.”

Perguntei um pouco sobre seus alunos e como o projeto influenciava seus cotidianos, como ela via essa mudança em sua classe.

“Ah! Mudou muita coisa, desde saber ler e escrever, assinar o nome, preencher ficha nas empresas, temos muitos alunos que estão empolgados para fazer a prova e ir para o 2º segmento, dar continuidade aos estudos, antes eles não pensavam desse jeito, só queria escrever o nome, e ler algumas coisinhas”.

A importância do projeto na comunidade em que está sendo desenvolvido é muito importante, pois como conta a professora, antes só existia o Telecurso que corresponde ao Fundamental II, as pessoas que estavam nas séries iniciais não tinham a oportunidade de estudar, essa oportunidade só veio depois que o projeto chegou a essa comunidade (sempre dá ênfase quando cita a comunidade, por pertencer de fato a ela).

“A princípio as pessoas tinham vergonha de estudar com certa idade, então vinham poucas pessoas, hoje as salas estão cheias, isso também mostra uma conscientização da comunidade sobre a importância de estudar.”

“Eu sentia vergonha em não saber escrever direito, então voltei para poder tirar a carteira e também por que eu quero fazer um curso profissionalizante.” Começou dizendo Jair, um aluno de 42 anos que aceitou responder minhas perguntas sobre o projeto.

Jardineiro trabalha nas fazendas ali da região, estuda na parte da noite. Recebe a total ajuda de sua família em seus estudos. Seus filhos estudam e em todo instante dizia a importância que os estudos têm na vida de sua família.

“As aulas são ótimas, cada dia eu aprendo uma coisa, a professora puxa muito, mas eu gosto. É muito importante por que ajuda todo mundo que quer estudar, as pessoas só dão valor quando você tem diploma, e quanto mais gente estuda é melhor. As professoras que fazem parte do projeto ajudam as pessoas a terem noção de dinheiro, a gastar menos, a assinar, a tirar os documentos, ajuda melhorar as vidas das pessoas.”

Em todo o instante o que se ouve nesse pólo do AlfaSol é a palavra grande oportunidade, chance, de mudar de vida, de crescer, de mostrar a família e filhos que uma pessoa pode e tem o direito de ser sempre o melhor, procurar a sua sorte.

Vergonha por não ter podido estudar na idade própria, por ter tido que abandonar os estudos pelo trabalho ainda crianças e nunca ter conseguido voltar à escola não são casos isolados no projeto.

Outro aluno que passava enquanto conversava com Jair, comentou o porque não pôde estudar, exemplificando o que todos os outros profissionais tinham dito em suas entrevistas:

"Meu pai dizia que quem ia para escola era preguiçoso e não queria trabalhar. Antes disso, meu lápis sempre foi o cabo da enxada."

Jandira foi outra que fez questão de contar-me um pouco de sua história. Ela não teve uma infância fácil, nunca freqüentou alguma sala de aula, pois desde criança, precisou trabalhar na roça para ajudar aos pais. Jandira perdeu o pai aos dez anos de idade, e se casou em seguida. No início desse ano começou a estudar no projeto, e essa jovem de 18 anos garante estar encantada com o mundo das letras: *"É muito bom aprender e não quero mais parar"*

Entrando no foco principal da pesquisa, elaborei questões em que tratava de sanar a curiosidade que tinha em relação ao trabalho naquela organização.

Foram perguntas simples, mas muito significativas para o enriquecimento da pesquisa.

Qual é o papel do Pedagogo em sua opinião?

O aluno nos respondeu que pedagoga é a moça que vem ver se está tudo certo na sala, se precisam de alguma coisa e *"dá curso para a minha professora"*.

"O coordenador fica aqui em Brumadinho e também ajuda a gente, vem nos visitar."

“A professora está aqui para ajudar a gente a aprender as coisas. Mas ai acaba todo mundo ajudando a gente a estudar.”

Ajudadoras, a coordenadora então ajuda a pedagoga que ajuda a professora e todas ajudam a seus alunos, resumindo o que Jair respondeu.

Em sua simplicidade observou e esclareceu uma das mais importantes tarefas de quem se dedica à educação, mesmo que seja em uma empresa, a troca de informações para se chegar a um ponto em comum, com a plena noção que todos possuem suas experiências e todas são válidas e louváveis de serem ouvidas.

Para a professora Lívia, o papel do pedagogo é auxiliar os professores pedagogicamente, realizar acompanhamentos pedagógicos, dar formação específicas para facilitar aprendizagem do aluno.

Janete, pedagoga do núcleo, já respondeu mais focalizada no próprio projeto, mas nem por isso a palavra contribuição não esteve presente em sua resposta: *“O pedagogo tem um papel amplo no projeto, disseminar a importância da modalidade de EJA de modo a fazer com que os gestores locais subsidiem a EJA da mesma forma que contribuem as outras modalidades.”*

Fechando essa rodada de perguntas sobre o papel do pedagogo, Aline respondeu que o pedagogo realiza ações que visam à melhoria da atuação pedagógica do professor e coordenador para o bom andamento do projeto. Essas ações se resumem em observar, orientar, instruir e formar.

Isoladamente, todos passaram a mesma mensagem em suas respostas. Uns mais técnicos que outros. O papel do pedagogo é primordial para essa junção entre coordenação e alunos, burocracias e práticas, técnicas e humanização destas.

Quais os principais desafios enfrentados em seu dia a dia profissional, em seu campo de trabalho?

“O maior desafio é com relação ao tempo, pois estou coordenado a EJA desde o Fundamental I ao Médio e o projeto exige tempo, para fazer as

reuniões junto aos professores, atualizar o sistema, entre outras demandas”, garante a Coordenadora.

A professora, com uma resposta política, mas esclarecedora, afirma que a maior dificuldade que encontra é a multiseriação na sala, trabalhar com diferentes níveis de conhecimento.

Para a pedagoga, é conscientizar os agentes da Educação de Jovens e Adultos que essa modalidade é tão importante quanto qualquer outra, que não deve haver diferença entre tratamentos e que estar ou trabalhar na EJA não é inferior a estar ou trabalhar em outra modalidade.

Nas três respostas as dificuldades encontradas não se resumiram apenas à área pedagógica de uma organização, são dificuldades nas escolas, nas academias, e em todos os lugares que se propõem a fazer educação.

A multiseriação é uma realidade e nem todos os currículos são flexíveis a ponto de abranger todas essas formas de saberes de nossos alunos.

E, infelizmente, ainda permanece esse tipo de preconceito com a EJA, como foi dito pela pedagoga. Preconceito por parte até mesmo de educadores, que vêem como uma modalidade menor que o ensino regular, como tempo perdido. Essa realidade está se modificando, mas ainda falta para o efetivo reconhecimento dessa modalidade importante.

Para fechar a pesquisa sobre como é o Pedagogo trabalhando em uma grande empresa, Janete a pedagoga dessa ONG de atuação nacional termina dizendo:

“Lido com tranquilidade e também com uma grande responsabilidade não só profissional, mas social trabalhando nessa ONG. Afinal o trabalho que a AlfaSol realiza, visa reduzir o índice de analfabetismo e fortalecer o âmbito das políticas públicas na Educação de Jovens e Adultos, desta forma procurar realizar um bom trabalho nos municípios para que o objetivo seja alcançado.”

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste mundo globalizado, de tantas informações ao clicar de um mouse, ao ligar a televisão, ao abrir um jornal ou ouvir uma notícia na sua estação de rádio rotineira, gerou mudanças no agir e na prática de várias instituições e o pensar de várias profissões anteriormente tradicionais vem se renovando.

A escola como principal instituição de trocas e de saberes, não poderia ficar inerte a essa movimento, e não ficou.

As modificações começaram por nossos alunos. O que passávamos a eles, conduzidos apenas pelo livro didático e conteúdos em quadro de giz logo se ultrapassaram e começaram a não mais despertar interesses por essas metodologias.

Visto isso, as visões sobre a professora e a formação desta foram pauta de discussões sobre qual seria este novo papel, sobre o novo profissional que esta nova visão irá necessitar.

O pedagogo, pessoa direta que auxilia o professor entre teorias e práticas, entra neste enredo de mudanças.

Com essa avalanche de mudanças, transformações e novos pensares, este profissional atingiu status. E hoje é impensável restringir o campo de atuação, sendo ele levado às escolas e outras empresas privadas ou governamentais.

Lugares onde a educação é vista não apenas sob a ótica escolar, lugares onde o alvo não é apenas o corpo discente, mas os seres humanos que ali estão, que passam horas de seus dias trabalhando.

Com isso, o pedagogo passou a atuar também com Recursos Humanos, Supervisores e gamas mais de ocupações que atingem a melhor convivência entre as pessoas.

Nesta pesquisa monográfica abordei um ângulo muito interessante dessa trajetória atual

Uma empresa brasileira, mas de altitudes internacionais, que em seu corpo operário atraiu pedagogos para estarem entre os seus, para uma visão humanística, não apenas assistencialista, mas que representem começos.

O pedagogo neste recorte apresentado aqui, que incorpora a Vale do Rio Doce atua na condução do projeto AlfaSol, de alfabetização solidária de alfabetização de jovens e adultos que enxergam ali a chance de estudarem, saciando o anseio de saber, por mais simples que pareça à maioria da população, de escrever e ler seu nome, representando inclusão social e cidadania.

Observando a realidade do projeto, não pude deixar de perceber sua importância para este público, que por diferentes razões não tiveram como estudar em tempo “certo” como dizem muitos depoimentos vistos no decorrer da pesquisa.

Mas o que é “certo” nos tempos atuais?

Observo analfabetos digitais, sem a menos intimidade com este recurso tão comum como o computador. Analfabetos de atenção. Analfabetos de humanidade. Analfabetos que sabem ler e escrever, mas não conseguem entender o melhor para a população, carente de oportunidades, como os agraciados participantes do AlfaSol dispõem.

Ainda as leis não atingem a todos, e enquanto assim continuar, projetos pioneiros, não apenas em nomenclatura, mas em disposição de mudanças são bem vindos e significativos.

Cito mais uma vez Paulo Freire, que com maestria ensina a todos e deixou tão explícito em sua extensa obra a preocupação com a educação de jovens e adultos e as políticas que envolvem de tal forma este campo.

Voltando à atuação do pedagogo na empresa Vale, ele está ali para coordenar e orientar o objetivo do projeto em si, discutindo com o corpo docente e discente o melhor caminho para atingi-lo.

Na fala de um dos alunos ouvidos, com toda sua simplicidade, definiu este trabalho como *“mostrar à professora como se trabalha”*. Sabemos e vi que essa é apenas o que aparece nesta função, é o que todos conhecem do pedagogo.

Ser pedagogo é tão complexo quanto dinâmico.

Talvez mostrar, fazer aparecer ao mundo tais virtudes é o que falta a nós pedagogos, e aqui me incluo, para que possam ver que não ensinamos ninguém a trabalhar. Em conjunto ajudamos, nos ajudamos e somos ajudados. Nascendo assim as metas, para que todos, mediatizados por objetivos comuns, sejam quais e onde forem, alcançados com sucesso.

4 BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Constituição Federal Brasileira, 1988.

_____. Lei número 9.394/96. *Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional*, 1996.

_____. Lei número 10.172/01. *Plano Nacional de Educação*, 2001.

CAGLIARI, Débora. Artigo: *O Pedagogo Empresarial e a Atuação na Empresa*. 12/01/2009. Disponível em www.pedagogia.com.br

CARINO, Jonaedson; SOUZA, Donaldo Bello (orgs.). *Pedagogo ou Professor? O Processo de Reestruturação dos Cursos de Educação no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Quartet, 1999.

CEZAR, Andréa Silvana dos Santos; Bianchini, Eloâne; PIASSA, Zuleika Aparecida Claro. Artigo: *A atuação do Pedagogo em espaços não-escolares*. Apresentado no 1º Simpósio Nacional de Educação, XX Semana de Pedagogia- UNIOESTE. Cascavel-PR 11, 12 e 13 de novembro de 2008.

CHIAVENATO, Idalberto. *Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.

COTRIM, Gilberto. *Educação para uma escola democrática: História e Filosofia da Educação*. São Paulo. Saraiva, 1991. p. 15-28.

DOTTRENS, Robert. *A classe em ação*. Portugal. Editora Estampa. 1974.

FERREIRA, Ana Cristina. Artigo: *Globalização – rumo a um governo mundial ou uma nova forma de cidadania?* CIARI – Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais, 2006. Disponível em www.ciari.org

FERRERO, Emília. *Reflexões sobre Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo: *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 29-107

_____. *Educação como prática da liberdade*. 20ª edição, editora Paz e Terra, 1991.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora (Organizadores). *Na Escola que fazemos: uma reflexão interdisciplinar em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1990.

GARCIA, Regina Leite (Org.). *Alfabetização dos alunos das classes populares*. 6ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

GEDEON, Leonardo. Artigo: *Educação como um ato político (ao Mestre Paulo Freire)*. 30/05/2006. Disponível em: www.recantodasletras.com.br/artigos

HADDAD, Sergio, DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização de jovens e adultos*. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro; Autores Associados, Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N° 14, p. 108 a 130.

HOLTZ, Maria Luiza Marins. Lições de Pedagogia Empresarial. Sorocaba-SP: MH - Assessoria Empresarial, 2006, p. 10 a 159.

LIBANÊO, Jose Carlos, PIMENTA, Selma Garrido. Artigo: *Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança*. Campinas-SP, Revista Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99, p. 239 a 273.

RANGEL, Mary (org.). *Supervisão Pedagógica: princípios e práticas*. Campinas-SP; Editora Papyrus, 2010.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

SITES ACESSADOS ENTRE MAIO E JULHO DE 2011:

- <http://www.alfabetizacao.org.br/site/>
- <http://www.centroruthcardoso.org.br/home>
- <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/professor-pedagogo-condutor-de-criancas-a-empreen.htm>
- <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/celestin-freinet>
- <http://portal.mec.gov.br/>